



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JULIA WIEDERHECKER GABRIEL

A INTERVENÇÃO DIVINA NO NASCIMENTO DE TESEU E RÔMULO: UMA  
ANÁLISE INTRATEXTUAL DE PLUTARCO.

Brasília

2021

JULIA WIEDERHECKER GABRIEL

A INTERVENÇÃO DIVINA NO NASCIMENTO DE TESEU E RÔMULO: UMA  
ANÁLISE INTRATEXTUAL DE PLUTARCO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientador(a): Henrique Modanez de Sant'Anna

# A INTERVENÇÃO DIVINA NO NASCIMENTO DE TESEU E RÔMULO: UMA ANÁLISE INTRATEXTUAL DE PLUTARCO.

*Julia Wiederhecker Gabriel*

## **Resumo**

Este artigo, através de uma abordagem intratextual, aborda a intervenção divina no nascimento de Teseu e Rômulo nas *Vidas Paralelas* de Plutarco, levando em conta a última frase da *synkrisis*. Até que ponto podemos identificar na narrativa de Plutarco que Rômulo nasceu contra a vontade dos homens mas a favor da vontade divina e Teseu, por sua vez, nasceu sob oposição divina e favor humano?

**Palavras-chave:** intratextualidade, Vidas Paralelas, Teseu e Rômulo, intervenção divina, nascimento.

## **Abstract**

The present article, through an intratextual view, proposes an analysis of the divine intervention in the lives of Theseus and Romulus in Plutarch's *Parallel Lives* will be made in this paper. Up to what point can we identify in Plutarch's narrative the notion that Romulus was born through divine will but against human wishes and, in turn, Theseus was born from human will against the god's wishes?

**Key words:** intratextuality, Parallel Lives, Theseus and Romulus, divine intervention, birth.

## Introdução:

“Os historiógrafos, ó Sóssio Senecião, remetem para os confins das cartas geográficas aqueles espaços que escapam ao seu entendimento e registam, à margem, a seguinte anotação: “a partir daqui estendem-se areais sem água e infestados de feras” ou então “pântano sombrio”, ou “gelo cítico”, ou “mar gelado”.<sup>1</sup>

Assim Plutarco descreve sua empreitada de narrar as histórias de Teseu e Rômulo em sua série de *Vidas Paralelas*. Essas *Vidas* pareiam grandes figuras gregas e romanas, sempre buscando levantar questões morais a serem ponderadas pelos leitores de cada par, seguindo os ideais de exemplaridade da época. O par que iremos discutir a seguir é bastante peculiar se comparado com os demais, pois trata de duas figuras cujas vidas são rodeadas de mitos, o que dá a Plutarco a tarefa auto-imposta de buscar a “verdade” dentre tantas histórias fabulosas.

Para trabalhar essas fontes, irei utilizar a perspectiva da Intratextualidade, ou seja, iremos colocar as histórias de ambos os heróis lado a lado, analisando as referências que Plutarco faz à essas biografias na *synkrisis* e comparando eventos similares nas *Vidas* de ambos. Porém, por se tratar de um artigo breve, seria impossível esmiuçarmos todos os aspectos das biografias dos fundadores de Atenas e Roma, e por isso teremos de nos contentar com uma análise da intervenção divina no nascimento de ambos.

A inspiração para tal pesquisa veio do próprio Plutarco, que, na última frase da *synkrisis*, traz a questão da intervenção e vontade divina no nascimento de ambos os homens. Ora, após páginas de tragédias familiares, raptos de mulheres, embates políticos e assassinatos de progenitores, a controvérsia quanto ao nascimento de ambos ser abordada em apenas uma frase, mas de uma maneira extremamente provocadora, me levou a analisar tal aspecto da obra de Plutarco.

Eis aqui o nosso problema: Plutarco afirma no fechamento desse par que Teseu nasceu contra a vontade dos deuses pela vontade dos homens e Rômulo nasce de maneira oposta, pela vontade dos deuses, contra a dos humanos, em especial seu tio-avô Amúlio. A proposta deste artigo é avaliar tal intervenção divina no relato em si, comparando ambas as *Vidas* com a *synkrisis* que as segue, avaliando eventuais pontos que possam comprovar ou se opor à tal afirmação.

Para isso foram utilizadas duas traduções comentadas, uma para o português e outra para o inglês. A primeira é uma versão lusitana traduzida e comentada por Delfim Leão e Maria do Céu Fialho, feita pela editora da Universidade de Coimbra. A segunda é uma versão bilíngue norte-americana, com tradução de Bernadotte Perrin, feita pela editora da

---

<sup>1</sup> *Thes.* 1.1

Universidade de Harvard. As ocasionais referências ao original grego também foram retiradas dessa última versão. Outros textos foram consultados, porém esses serão mencionados ao longo do artigo e estarão presentes na bibliografia ao final. Sempre que possível, procurei priorizar citações em língua portuguesa, porém como a maioria dos textos consultados foram escritos em língua inglesa, incluí traduções para o português de minha autoria nas notas de rodapé como uma forma de tornar a leitura mais acessível.

Esse artigo estará dividido da seguinte forma: a primeira parte é um panorama mais abrangente das *Vidas* de Teseu e Rômulo, incluindo uma breve apresentação das vidas em geral, uma pequena explicação do que seria Intratextualidade e discussões mais profundas das versões comentadas. A segunda parte consiste do detalhamento da questão, seguida de uma conclusão e da bibliografia.

### **As Vidas Paralelas:**

As *Vidas Paralelas* de Plutarco são um conjunto de biografias escritas no início do século II d.C.. Essas biografias foram escritas em pares, cada um deles comparando uma figura grega com uma romana, com o objetivo de extrair lições morais a partir da história de vida desses sujeitos. Essas vidas tratam de diversos períodos da história, tanto grega quanto romana, indo de heróis míticos como Teseu a imperadores romanos como Antônio, e foram extensivamente estudadas desde a Antiguidade. Quanto à escolha dos protagonistas dessas *Vidas*, eram todos homens influentes, como grandes guerreiros, reis, heróis, políticos e imperadores, que tiveram seus feitos analisados e julgados sob a lente moral de Plutarco, já que, referenciando Tim Duff<sup>2</sup>, o foco das *Vidas Paralelas* seria explorar as questões morais levantadas por cada vida.

Esse destaque para a moralidade fica evidente na *synkrisis* (συγκρίσεις), uma comparação entre os dois protagonistas de cada par feito ao final das duas biografias, “in which Plutarch assesses the behaviour and character of each protagonist under various headings and assigns moral superiority to one or the other.”<sup>3</sup> A *synkrisis* seria a parte do texto em que o autor compara as vidas de ambos os personagens e, após pesá-los em sua balança moral, declara qual o melhor exemplo a ser seguido em cada um dos eventos analisados. Essa

---

<sup>2</sup> DUFF, Tim E. *Plutarch's Lives: Exploring Virtue and Vice*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

<sup>3</sup> “Na qual Plutarco avalia o comportamento e o caráter de cada protagonista, sob vários temas, e atribui uma superioridade moral a um ou a outro.” (tradução própria) LARMOUR, David H. J. *Plutarch's Compositional Methods in the Theseus and Romulus*. In: *Transactions of the American Philological Association* (1974-2014), Vol. 118. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988. p. 362.

parte é tão importante que, segundo David Larmour, as *Vidas* foram “to a significant extent, written with the Synkrisis in mind.”<sup>4</sup> O que nos leva ao problema levantado por Bernadotte Perrin em sua introdução para a tradução inglesa das vidas de Teseu e Rômulo, na qual ele sugere que tal comparação “is often fanciful and forced, abounds in contrasts rather than resemblances”<sup>5</sup>.

Neste artigo, iremos focar em uma análise intratextual do par Teseu e Rômulo das *Vidas Paralelas*. Maria Vamvouri<sup>6</sup>, em sua introdução do livro *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*, define intratextualidade como “a particular form of auctorial rewriting and relates to the genesis of a specific text that is enriched by references, quotations or allusions to other texts of the Plutarchan corpus.”<sup>7</sup> Ou seja, intratextualidade seriam as referências que Plutarco faz a si mesmo em seus textos, e seu estudo visa compreender a relação entre tais obras, como mencionado por Gennaro D’Ippolito em outro capítulo do mesmo livro<sup>8</sup>.

D’Ippolito também aponta dois tipos de intratextualidade, uma horizontal e uma vertical<sup>9</sup>. Proporei uma análise das duas naturezas: na horizontal iremos abordar a *synkrisis*<sup>10</sup> “Aplicada à formulação de problemas”<sup>11</sup>, já na vertical iremos focar na intervenção divina nas vidas dos dois heróis. Tal análise se justifica pois, citando Olivier Gengler:

---

<sup>4</sup> “em grande medida, escritas com a *synkrisis* em mente” (tradução própria). LARMOUR, David H. J. *Plutarch’s Compositional Methods in the Theseus and Romulus*. In: *Transactions of the American Philological Association* (1974-2014), Vol. 118. Baltimore, 1988. p. 364

<sup>5</sup> “é com frequência espalhafatosa e forçada, com fartura de contrastes ao invés de semelhanças” (tradução própria). PERRIN, Bernadotte. *Plutarch’s Lives*. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1954, p. XIV.

<sup>6</sup> PELLING, Christopher. *Intertextuality in Plutarch: What’s the Point?* In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 13-27.

<sup>7</sup> “Uma forma particular de reescrita autoral que se relaciona à gênese de um texto específico que é enriquecido por referências, citações ou alusões a outros textos do corpus plutarqueano.” (tradução própria). VAMVOURI, Maria. *Plutarch and the Academic Reader*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 1-8.

<sup>8</sup> D’IPPOLITO, Gennaro. *Forms and Functions of Intratextuality in Plutarch’s Corpus*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 45-58.

<sup>9</sup> Para mais informações ler D’IPPOLITO, Gennaro. *Forms and Functions of Intratextuality in Plutarch’s Corpus*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 45-58.

<sup>10</sup> “the comparison of opposites.” Thesaurus. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/browse/synkrisis>>. Acesso em: 03/09/21.

<sup>11</sup> “applied to the formulation of problems” (tradução própria). D’IPPOLITO, Gennaro. *Forms and Functions of Intratextuality in Plutarch’s Corpus*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 45-58.

“Plutarch builds intratextual relations (...) on different levels: through explicit references to the other Lives, (...) through the repetition of narrative patterns, sentences and words, through the repetition of leading themes, (...) The principal effect of these intratextual relations (...) is to reinforce the overall cohesion of the narrative, of which every Life seems to be a coherent part.”<sup>12</sup>

Podemos então perceber que as relações intratextuais aparecem no texto de diversas formas visando conectar uma obra aparentemente avulsa ao restante das *Vidas Paralelas*. O estudo da intratextualidade em Plutarco, assim, é de extrema importância pois nos dá um conhecimento mais profundo das obras desse autor e da própria cultura ocidental da qual ela faz parte.

Para a realização desta pesquisa, foram lidas duas traduções comentadas do par Teseu e Rômulo, a primeira em português<sup>13</sup>, traduzida por Delfim Leão e Maria do Céu Fialho e a segunda em inglês<sup>14</sup>, traduzida por Bernadotte Perrin. Ambas as traduções são bem similares, salvo algumas adaptações linguísticas, pois o texto não faria sentido de outra maneira, e algumas variações quanto aos termos usados ou a impressão passada para o leitor.

Analisaremos a vida de Teseu primeiro, focando em seu nascimento, pois é esse o tema principal do artigo. Começaremos em *Thees.* 3.5, quando Plutarco trata do oráculo recebido por Egeu, que segue muito semelhante em ambas as traduções, com a exceção do aposto “king of Athens”<sup>15</sup> presente na versão em inglês, e ao modo de descrever a falta de compreensão da profecia recebida: “não lhe pareceram suficientemente claras estas palavras”<sup>16</sup> na versão portuguesa e “thought the words of the *command* somewhat obscure”<sup>17</sup> na versão norte-americana. Vemos na segunda tradução a presença da palavra “command”, ausente na versão lusitana, que passa um maior ar de seriedade para a transgressão de Egeu às palavras da sacerdotisa. Segundo o Cambridge learner’s dictionary, a palavra “command”

---

<sup>12</sup> “Plutarco constrói relações intratextuais (...) em diferentes níveis: através de referências explícitas às outras Vidas (...), pela repetição de padrões narrativos, frases e palavras, pela repetição de temas centrais, (...) O principal efeito dessas relações intratextuais (...) é reforçar a coesão narrativa geral, da qual cada Vida aparenta ser uma parte coerente.” (tradução própria). GENGLER, Olivier. *Plutarch’s and Xenophon’s Sparta: Intra- and Intertextual Relations in the Spartan Lives*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 126

<sup>13</sup> PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *Plutarch's Lives*. Vol. 1. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

<sup>15</sup> *Thees.* 3.5

<sup>16</sup> op.cit

<sup>17</sup> op.cit. “Pensou que as palavras do comando foram um tanto obscuras” (grifo e tradução próprios)

significa “an order to do something”<sup>18</sup> e a utilização de tal termo nos leva a concluir que a profecia não era somente uma sugestão ou um aviso, mas sim uma ordem divina que foi descumprida.<sup>19</sup>

No segundo parágrafo vemos uma mudança logo no início, com a versão em português dando a Piteu o benefício da dúvida ao afirmar que “Não se sabe como Piteu terá entendido estas palavras”<sup>20</sup>, porém a outra tradução coloca como “this dark saying Pittheus apparently understood”<sup>21</sup>, aumentando a “culpa” do avô no nascimento de Teseu. O restante do parágrafo segue semelhante em ambas as traduções.

Passando agora para Rômulo, começaremos a análise em *Rom. 2.2*<sup>22</sup>, no qual Plutarco narra diversas teorias acerca da genealogia do fundador de Roma. Em ambas as versões o parágrafo segue de maneira muito similar, sem divergências dignas de nota. Entretanto, em *Rom. 3.3* vemos uma diferença que novamente afeta a atmosfera da narrativa. Trata-se da parte em que Amúlio força a sobrinha a se tornar uma Vestal para impedi-la de ter filhos<sup>23</sup>, que, se por um lado na versão em português foi traduzido como “Receoso, no entanto, de que a filha de Numitor viesse a ter filhos, levou-a a consagrar-se a Vesta”<sup>24</sup>, na em inglês foi posto como “(...) fearing lest that brother's daughter should have children, made her a priestess of Vesta”<sup>25</sup>. Vemos então que a versão lusitana é mais eufêmica, enquanto a versão em inglês dá ao episódio um caráter mais autoritário, contra as vontades da progenitora dos gêmeos. O restante da narrativa segue igual em ambas as versões, Réia (ou Ília, ou Sílvia) dá a luz a dois gêmeos “que se distinguiam pelo tamanho e pela beleza”<sup>26</sup>, levando Amúlio a ordenar sua morte. O servo os coloca numa cesta e leva para o rio, mas a corrente era muito forte e, temendo ser levado, o servo os deixou na margem. O rio transborda e leva a cesta para debaixo de uma figueira, e aqui entram em cena a loba e o picanço<sup>27</sup>. Aqui aparece outra divergência digna de nota, pois na versão da Loeb traz que tais animais terem cuidado dos bebês seria “*the chief reason why the mother was believed when she declared that Mars was*

---

<sup>18</sup> “uma ordem para fazer algo”. (tradução própria). COMMAND. In: Cambridge Learner’s Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 131.

<sup>19</sup> O original grego é “ου πάνυ δε τουτο φράζειν ευδήλωσ δοκουσαν”. *Thes.* 3.5.

<sup>20</sup> op.cit

<sup>21</sup> op.cit - “aparentemente Piteu compreendeu a fala obscura” (tradução própria).

<sup>22</sup> op.cit

<sup>23</sup> Versão em grego: και φοβούμενος εκ της θυγατρος αυτου γενεσθαι παιδας ιέρειαν της Έστιασ ‘απέδειξεν, ‘άγαμον και παρθένον άει βιωσομένην.

<sup>24</sup> *Rom.* 3.3 (grifo próprio)

<sup>25</sup> op.cit. “(...) temendo que a filha de seu irmão viesse a ter filhos, a fez uma sacerdotisa de Vesta” (grifo e tradução próprios).

<sup>26</sup> *Rom.* 3.4

<sup>27</sup> *Rom.* 4.2



the father of her babes”<sup>28</sup> Já na versão de Coimbra a mesma passagem foi traduzida como “Por esse motivo, não foi difícil acreditar na progenitora, quando ela afirmou que as crianças haviam sido geradas por Marte.”<sup>29</sup> Novamente vemos uma versão mais branda em português, enquanto a em inglês dá mais importância ao fato, de uma forma mais enfática, pois coloca os animais como o principal motivo, a razão central, que convenceu o povo da divindade de Rômulo e Remo. Quanto à *Synkrisis*, as traduções não divergem em demasia, e por isso não será discutida a fundo nessa seção.

Com isso, podemos concluir que a versão em português tem um tom mais brando e eufêmico ao tratar de pontos-chave do nascimento de Teseu e Rômulo. Já a versão em inglês é mais enfática, mudando o tom da narrativa e de certa forma realçando as escolhas e a agência dos personagens nos eventos narrados por Plutarco. Nessa versão, fica claro que Piteu muito provavelmente enganou Egeu para que este lhe dê um neto e Amúlio forçou sua sobrinha a se tornar Vestal, deixando também mais evidente a oposição humana à vontade divina.

Os pares escolhidos por Plutarco para formarem suas vidas paralelas não foram escolhidos ao acaso, mas foram cuidadosamente e habilmente colocados lado a lado. Como afirma Tim Duff: “Plutarch thought that the two men chosen had enough similarities, combined with some significant differences, (...) to demonstrate or explore a common moral issue”<sup>30</sup> Com isso, concluímos que as Vidas são contadas em duplas como uma forma de abordagem de questões morais comuns às duas narrativas, tanto por suas semelhanças quanto por suas diferenças.

Por que, então, Teseu e Rômulo foram pareados? O próprio Plutarco nos dá algumas razões, mencionando que escolheu primeiro Rômulo e depois saiu em busca de alguém a sua altura.<sup>31</sup> Escolheu Teseu pois ele é o fundador de Atenas, julgando este digno de ser lido ao lado do “pai da invencível e gloriosa Roma”<sup>32</sup>. Ele então segue mencionando outras similaridades, como o fato de ambos terem sido considerados semi-deuses, eram filhos bastardos, raptaram mulheres, passaram por intrigas familiares e conflitos com os cidadãos de

---

<sup>28</sup> *Rom.* 4.2. “o principal motivo para acreditarem na mãe quando ela declarou que Marte era o pai de seus bebês” (grifos e tradução próprios).

<sup>29</sup> *op.cit.* (grifos próprios)

<sup>30</sup> “Plutarco pensou que ambos os homens escolhidos tinham similaridades suficientes, aliadas a diferenças significativas, para demonstrar ou explorar uma questão moral em comum” DUFF, Tim E. *Plutarch's Lives: Exploring Virtue and Vice*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999. p. 249

<sup>31</sup> *Thes.* 1.4

<sup>32</sup> *Thes.* 1.5

suas respectivas cidades.<sup>33</sup> Essas são somente as citadas por Plutarco no início da obra, mas através de uma leitura atenta, podemos identificar muitas outras.

### **Detalhamento da questão:**

Essas reflexões nos levam ao foco do presente artigo: investigar tais semelhanças e diferenças quanto à intervenção divina no início da vida de ambos os protagonistas. Tal pesquisa foi inspirada pela frase que fecha a *synkrisis* dessas *Vidas*, transcrita abaixo:

“Por exemplo, as lendas relativas à intervenção divina nas suas vidas apresentam enormes diferenças: de facto, a salvação de Rômulo aconteceu por favor expresso dos deuses; já o oráculo dado a Egeu, que o proibia de aproximar-se de uma mulher enquanto estivesse em terra estrangeira, parece demonstrar que o nascimento de Teseu se verificou contra os desígnios divinos.”<sup>34</sup>

Com essa frase Plutarco encerra as *Vidas* de Teseu e Rômulo, deixando um leve desconforto e curiosidade em seu leitor. Ao compararmos as circunstâncias do nascimento de Teseu e Rômulo com o objetivo de analisar tal afirmação acima, conforme narra Plutarco, podemos perceber mais claramente a intervenção divina no nascimento do herói grego do que no do primeiro rei de Roma. Plutarco inicia seu relato do nascimento de Teseu salientando as semelhanças entre os dois heróis, ao afirmar que “Ambos vieram, de facto, ao mundo como bastardos e em segredo, e ambos foram tidos por filhos de divindades”<sup>35</sup> e então procede narrando a descendência nobre de Teseu, tanto materna, quanto paterna.

A narrativa do nascimento de Teseu é bem linear e livre de controvérsias, Plutarco não nos apresenta outras versões e nem mesmo nomes alternativos aos personagens. Conta que Egeu gostaria de ter filhos, mas recebeu da Pitonisa um oráculo “que o aconselhava a não ter relações com mulher alguma antes de chegar a Atenas”<sup>36</sup>. Porém, ao chegar a Trezena, foi persuadido por Piteu a unir-se a Etra e dessa união nasce Teseu. Temos aqui uma intervenção clara por parte dos deuses, a saber, o oráculo da pitonisa, que visava prevenir o nascimento do herói. Apesar disso, por vontade dos homens e contra os conselhos divinos, Egeu tem um filho com a filha de Piteu antes de sua chegada a Atenas.

---

<sup>33</sup> *Thest.* 2

<sup>34</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 182

<sup>35</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 39

<sup>36</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 41

Quanto a Rômulo, a análise se torna um pouco mais complexa. Primeiramente Plutarco apresenta diversas versões tanto para a fundação de Roma quanto para o nascimento dos gêmeos, chegando até a mencionar uma versão que atesta que eles seriam filhos de uma serva com um espírito que assombrava a casa do soberano dos Albanos. Ao final de todos esses relatos, ele apresenta o que, segundo o autor, seria o “mais digno de confiança”<sup>37</sup>, mas mesmo esse relato possui diversas variantes. Plutarco então prossegue narrando a disputa entre Númitor, avô de Rômulo e Remo, e seu irmão Amúlio pelo trono de Alba. Amúlio acaba vencendo e, para que a linhagem de seu irmão seja extinta, obriga sua sobrinha a consagrar-se a Vesta. Aqui a história se divide, uma versão alega que ela ficou grávida pois se uniu a Marte, o que indicaria uma intervenção do deus na nossa história, e outra que atribui a paternidade das crianças ao próprio Amúlio, após esse ter violentado a sobrinha. Sendo assim, Réia (ou Sílvia, ou Ília) dá a luz a dois gêmeos saudáveis e belos, mas que logo são colocados em uma cesta e abandonados às margens de um rio.

Chegamos então ao trecho citado na *synkrisis*, no qual “a salvação de Rômulo aconteceu por favor expresso dos deuses”<sup>38</sup>, porém tal favor não é tão explícito assim. O primeiro indício desse favoritismo divino é o fato de um rio com uma corrente “alterosa e muito forte” ter arrastado suavemente a cesta na qual os gêmeos se encontravam “até um lugar atapetado de erva”. Depois temos a loba e o pica-pau<sup>39</sup> que alimentam e protegem os bebês, animais estes consagrados a Marte, que seriam um sinal da proteção divina desse deus tanto sobre Romulo quanto sobre Remo. Entretanto, Plutarco prossegue apontando uma ambiguidade no nome da ama, pois os romanos “usam o mesmo termo *lupae* não só para designar as lobas, mas também para se referirem às prostitutas”<sup>40</sup> e a esposa de Fáustulo, pastor que posteriormente acolhe os meninos, seria ela própria uma prostituta e teria amamentado os gêmeos.

Como podemos perceber, a intervenção divina contra o nascimento de Teseu é claramente identificada na narrativa dos acontecimentos que culminaram no seu nascimento. Seu pai, ao desobedecer o oráculo, transgride a vontade dos deuses, e é dessa transgressão

---

<sup>37</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 116.

<sup>38</sup> *op.cit*

<sup>39</sup> na versão de Harvard, a ave é um “woodpecker”, “δρυοκόλαπτην” no original grego. PLUTARCO. *Plutarch's Lives*. Vol. 1. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1954. p. 98 e 99. Já na versão de Coimbra a ave é referida como um “picanço”. Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 118.

<sup>40</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 119.

que Teseu é gerado. Já a história de Rômulo é menos clara, com algumas versões diferentes, o que dificulta a identificação de um “favor expresso” por parte dos deuses, mais especificamente de Marte, divindade à qual foi atribuída a paternidade de Rômulo e Remo. Podemos, claro, especular sobre tal envolvimento divino, porém é curiosa a confiança com que Plutarco declara que “*de facto*, a salvação de Rômulo aconteceu por *favor expresso* dos deuses”<sup>41</sup>.

### **Conclusão:**

Portanto, o resultado da análise intratextual da intervenção divina no nascimento de Teseu e Rômulo nas *Vidas Paralelas* de Plutarco, comparando a *synkrisis* com a biografia de ambos, é: a intervenção é clara na *Vida* de Teseu mas se torna obscura quando tratamos de sua contraparte romana. Egeu e Piteu, ao desobedecerem o oráculo, propositalmente ou por um mal-entendido, colocam sua vontade acima das dos deuses, ou, como Plutarco afirma “já o oráculo dado a Egeu, que o proibia de aproximar-se de uma mulher enquanto estivesse em terra estrangeira, parece demonstrar que o nascimento de Teseu se verificou contra os desígnios divinos.”<sup>42</sup>.

Ao se tratar de Rômulo, as diversas versões apresentadas pelo autor tornam a questão mais confusa. Qual versão devemos tomar como a “principal” ou “mais verossímil”? À qual dessas versões ele estava se referindo na *synkrisis*? Podemos considerar a explicação mitológica para esse caso? Pois se considerarmos que os gêmeos são filhos de Amúlio e foram amamentados por uma prostituta, qual seria a intervenção expressa dos deuses em seu nascimento? Tais respostas requerem uma pesquisa mais aprofundada dessa *Vida*, o que infelizmente não foi possível de ser realizada para este trabalho.

Porém, o que pode ser concluído é que há uma divergência entre a biografia de Rômulo e a *synkrisis* trazida ao final. Plutarco afirma que “*de facto*, a salvação de Rômulo aconteceu por favor expresso dos deuses”<sup>43</sup>, porém para seu leitor, tal favor não aparenta ser expresso, pois a verdadeira intenção do autor com essa frase se perde dentre tantas linhas narrativas, personagens variados e até mesmo nomes diferentes para a mesma figura.

Por isso, concluo então que Teseu claramente nasce contra a vontade divina por capricho dos homens. Entretanto, considerar que Rômulo seria seu oposto provou ser mais

---

<sup>41</sup> Grifo próprio

<sup>42</sup> Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 182

<sup>43</sup> *op.cit.*

complexo do que aparentava no início, devido às diversas versões trazidas por Plutarco para narrar seu nascimento e de seu irmão.

## **Bibliografia:**

COMMAND. In: Cambridge Learner's Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

D'IPPOLITO, Gennaro. *Forms and Functions of Intratextuality in Plutarch's Corpus*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 45-58.

DUFF, Tim E. *Plutarch's Lives: Exploring Virtue and Vice*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

GENGLER, Olivier. *Plutarch's and Xenophons's Sparta: Intra- and Intertextual Relations in the Spartan Lives*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 112-128.

LARMOUR, David H. J. *Plutarch's Compositional Methods in the Theseus and Romulus*. In: *Transactions of the American Philological Association (1974-2014)*, Vol. 118. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988. p. 361-375.

PELLING, Christopher. *Intertextuality in Plutarch: What's the Point?* In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 13-27.

PLUTARCO. *Plutarch's Lives*. Vol. 1. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução de Delfim F. Leão e Maria do céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

VAMVOURI, Maria. *Plutarch and the Academic Reader*. In: SCHMIDT, Thomas S.; VAMVOURI, Maria; HIRSCH-LUIPOLD, Rainer. *The Dynamics of Intertextuality in Plutarch*. Boston: Brill, 2020. p. 1-8.

“Eu, Julia Wiederhecker Gabriel, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A intervenção divina no nascimento de Teseu e Rômulo: Uma análise intratextual de Plutarco” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”